

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

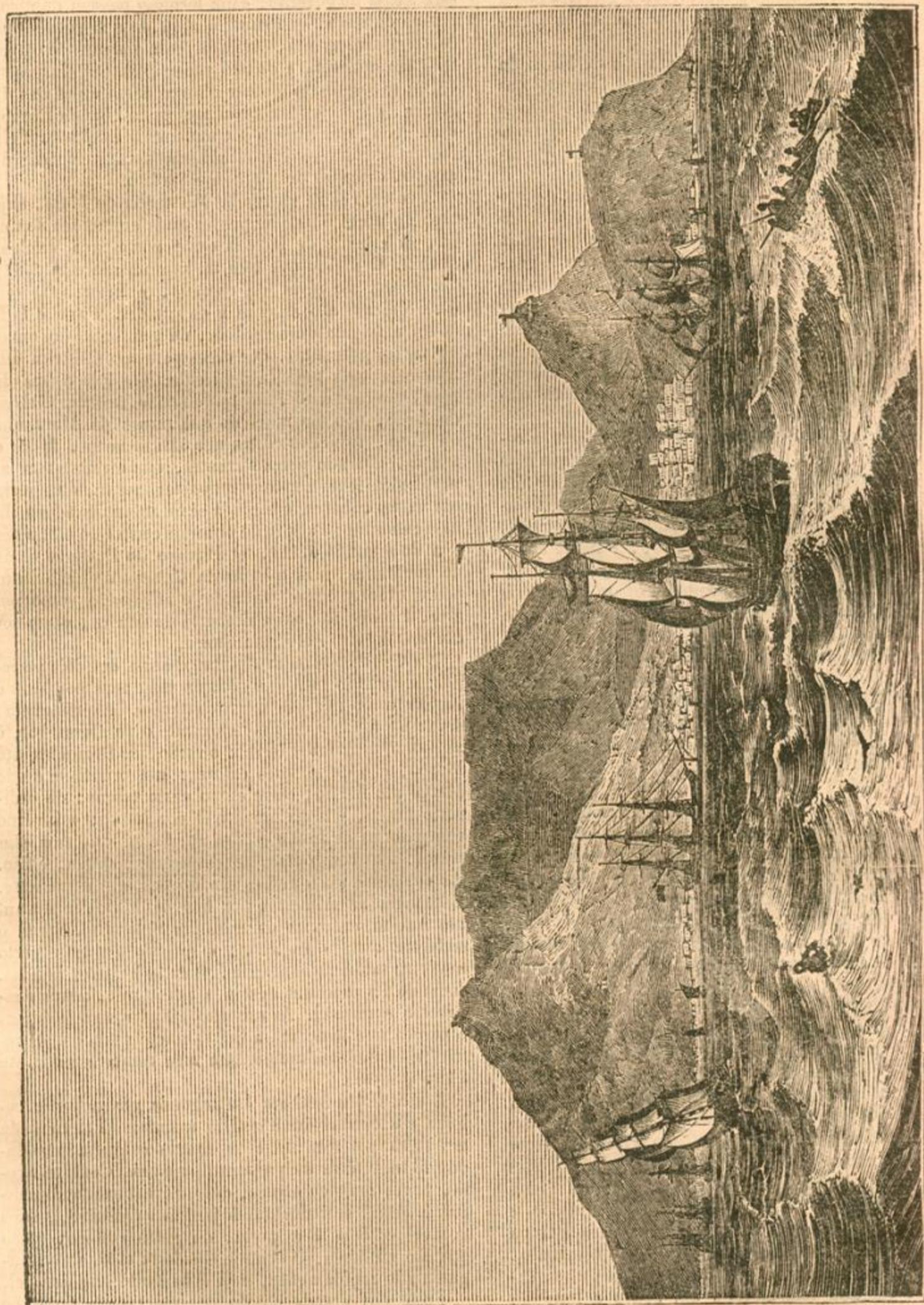
DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

11.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

JULHO 15, 1837.



VISTA DA CIDADE E DO CABO DA BOA-ESPERANÇA.

O CABO DE BOA-ESPERANÇA.

O CELEBRE Cabo de Boa-esperança foi descoberto por Bartholomeu Dias em 1487. Pozeram-lhe então os Portuguezes o nome de Cabo tormentoso, pelas muitas procellas que encontraram ao dobra-lo. Voltando ao reino Bartholomeu Dias, D. João 2.^o, esperançado em que o descobrimento deste cabo abriria as portas do tão cubiçado Oriente, lhe poz o nome de Cabo de Boa-esperança, nome que sobreviveu á gloria e poder da nação portugueza, que primeiro rompeu esta barreira dos mares orientaes.

Em 1497 partiu de Lisboa a armada de Vasco da Gama para o descobrimento da India, intento que levou a cabo, com tanta honra do seu nome e espanto da Europa. Este ousado e feliz capitão foi o segundo que dobrou aquelle Cabo, passando além d'elle a 22 de Novembro daquelle mesmo anno.

Por muito tempo a angra espaçosa que está junto com este cabo apenas era frequentada por alguns dos navios que andavam na carreira da India e que nella iam fazer aguada. Em 1650 os Hollandezes formaram no districto do Cabo uma colonia, nas margens do Rio do Peixe; mas depressa a abandonaram por causa do má ancoradouro, e a foram assentar na bahia da Alagoa, que lhe fica ao norte. Passados tempos mudaram ainda outra vez de local, passando a colonia para onde presentemente está a povoação chamada Cidade do Cabo.

Gradualmente augmentaram os Hollandezes a colonia, cujos limites foram em breve quasi os que hoje tem. Possuiram-na quietamente até 1795, anno em que della se apossaram os Inglezes. Foi-lhes restituída em 1802 pelo tractado de Amiens: os Inglezes lh'a retomaram, comtudo, em 1806; e desde então até hoje ficaram estes de posse della.

O territorio que presentemente occupam os colonos tem de extensão de leste a oeste 600 milhas, e de norte a sul 233, contendo assim 140.000 milhas quadradas. Posto que por este espaço haja alguns chãos de bons pastos, a maior porção de terreno é de areal çafaro, ou coberto de montanhas escalvadas e intractaveis: isto não se deve entender do districto oriental de Albany, ou do paiz de Cafres, que fica além das raias da colonia, o qual pela maior parte está coberto de rica e robusta vegetação.

Todo o territorio que os Inglezes possuem se divide em cinco districtos, a saber: o do Cabo, o de Stellenbosch, o de Zwellendam, o de Graaf Reynet, e o de Albany. A capital da colonia é a cidade do Cabo, a qual está situada n'uma encosta de suave pendor, que vem morrer no mar. Excepto por este lado, por todos os outros a rodeam alcantiladas montanhas.

A cidade é regular e bem construída. Ministra-lhe abundantes aguas uma ribeira caudalosa que desce da montanha chamada de Mesa. Tem muitas ruas de grande largura, com canaes de agua que lhe correm pelo meio, os quaes são acompanhados de um e outro lado por fieiras de arvores: outras ruas ha estreitas e mal ealçadas; todas porém são direitas e tiradas a cordel, formando nas quinas angulos rectos. As casas são communmente de pedra, e caiadas, tendo o maior numero dellas dois andares, e os tectos de eirado. As praças são espaçosas e dão á cidade um ar alegre; n'uma dellas é o mercado; n'outra se reúnem os hortelões e marchantes: e ha ainda outra que serve para a tropa fazer exercicio. Esta fica entre a cidade e o castello, e tem mais duas aos lados, todas cercadas de boa cavia. O castello está lançado um pouco a leste da povoação, e é defendido com larga cava e fortes bastiões. Estão alli varias repartições administrativas, e tem além disso accomodações para mais de 1.000

homens, com armazens para artilharia, munições e mantimentos. Os quartéis, que a principio foram destinados para celleiros e para hospital, occupam parte de uma das faces da praça principal. É edificio espaçoso e póde conter no andar de cima 4.000 homens. Os outros edificios publicos são a igreja calvinista, o tribunal de justiça, a igreja lutherana, o corpo da guarda, e o theatro.

Fóra da cidade, na encosta da Montanha da Mesa está a casa do governo, e um formoso passeio publico, espaço oblongo, que contém obra de quarenta geiras de terra feracissima, divididas com renques de carvalhos em quarenta e quatro repartimentos. Em parte delles se costumam semear plantas raras e curiosas da Africa, e fazer experiencias nas producções da Europa e da Asia, que podem ser mais uteis á colonia. Pela mesma encosta se veem espalhadas apraziveis casas de campo, cercadas de plantios e jardins.

A celebre serra chamada Montanha da Mesa, cujo topo do norte é um dos pontos mais eminentes do Cabo, se estende de leste a oeste por espaço de duas milhas. O plaino que tem na summitade está 3.582 pés acima do nivel da enseada, e as encostas que dalli descem são asperas e escarpadas. Para o lado do sul a descida é em socalcos, no mais baixo dos quaes ha varias gargantas, que saem para a cordilheira que atravessa toda aquella península. Os dois cerros do topo, um chamado *Pincaro do Diabo*, e outro *Cabeça do Leão*, não são mais do que ramos da Montanha da Mesa. Aquelles córtes que alli se veem, fe-los o tempo, ajudado pelas torrentes, que arrebataram as partes mais leves e menos compactas, separando a serra em varios cabeços, que ainda se tocam muito acima da base commum: a altura do primeiro cerro é de 1.315 pés e a do segundo 2.160. O Pincaro do Diabo é cheio de quebradas; mas o cume da Cabeça do Leão é um pedregulho macisso, talhado e affeçoado como por arte, e parecido com o zimborio de Mafra, posto sobre um outeiro de fórma conica.

No Cabo costumam dividir o anno em dois periodos: a monção boa e a monção má; mas podiam-no dividir como nós em quatro estações. A primavera, desde o principio de Setembro até o de Dezembro, é alli o tempo mais aprazivel: o verão, de Dezembro até Março, é o de maiores calores: cae o outono desde Março até Junho; corre então vario tempo; de ordinario limpo, e assaz agradavel por Junho: o inverno vem por fins de Junho e dura até Setembro, com dias claros, mas com outros de tempestade, chuva, e frio. As ventanias mais geraes são do noroeste e sudoeste. Começam as primeiras por fins de Maio, e duram até Agosto, entrando ás vezes por Setembro. Sopra o sudoeste o resto do anno; e quando apparece certo nevoeiro sobre a montanha, vem ás grandes rajadas. Quando ha procellas destas, o aspecto dos astros é espantoso e terrivel. As estrellas affiguram-se maiores, e parece que dançam: a lua tambem parece que treme, e os planetas apresentam uma cauda semelhante á dos cometas.

A cidade de Graham é a segunda povoação da colonia e a capital dos districtos orientaes. Foi fundada em 1820 por tres mil e setecentos colonos, mandados de Inglaterra de proposito para isso. Contém agora, pouco mais ou menos, dois mil habitantes, e seiscentas casas, entremeadas de jardins e passeios. O mais notavel edificio é a igreja, de gosto gothico, posto que tão moderna. O commercio desta cidade tem augmentado rapidamente, e já é bastante consideravel.

Posto que grande porção das montanhas do Cabo sejam de granito, ainda abi se não tem encontrado nenhuma substancia mineral de valia. As producções principaes do paiz são lã, gado, cavallos, pellames,

trigo, e vinho. Em algumas partes, particularmente para a banda de oeste, dão-se as fructas dos tropicos como as guavas, as romãs, e as laranjas: quanto aos fructos indigenas da Europa, dão-se excellentemente todos em qualquer parte dos cinco districtos.

Falta-nos fallar da historia interna da colonia, o que rapidamente faremos. Reduz-se toda a dizer que desde o principio até quasi o presente não se tem praticado senão actos violentos e cruéis contra os natuaes, que são os povos chamados Hottentotes. Os colonos Hollandezes percebendo que para os selvagens não havia presente como o das bebidas espirituosas, começaram por comprar-lhes largas porções de terreno a troco de aguardente; mas depois assentaram que tirando-lh'as á força saíam mais baratas. Não houve casta de crueldade que não commettessem; de modo, que, quando os Inglezes se apossaram da colonia, o paiz, que fôra mui povoado, não continha já dentro dos limites da colonia, senão 1.500 Hottentotes, reduzidos á mais abjecta escravidão: mas parece que por muitos annos os Inglezes não ficaram devendo nada em barbaridade aos seus antecessores.

Abster-nos-hemos aqui de escrever por miudo ácerca dos Hottentotes; porque o guardamos para um artigo especial.

COSTUMES DOS CURDOS.

NA Asia central ha um paiz montanhoso, que confina com a Persia, e a Turquia: é limitado ao norte pela Armenia, ao occidente pelo rio Tigre, ao oriente pelas planicies d'Irak e de Aderbijan, provincias persas, e ao sul pelo territorio turco de Bagdad. O espaço comprehendido dentro destes limites é o Kurdistan propriamente dito; mas ás tribus vagabundas dos Kurdos, ou Curdos, se encontram dispersas em muito mais ampla extensão de paiz. Para se fazer idéa do terreno do Kurdistan, imagine-se um immenso aggregado de pequenas serras encadeadas, cortadas em uma ou outra parte por cordilheiras mais elevadas, que, tem na sua maior altura terrenos espaçosos e lisos, como acontece em outras partes da Asia; e que por sua extrema elevação são expostos a intenso frio.

A propriedade mais distincta do character do povo, que as habita, é uma independencia feroz, que tem constantemente mantido no decurso de vinte e tres seculos. Já no tempo de Xenophonte, que os menciona pelo nome de *Kardouchoi*, era uma nação guerreira, e que não reconhecia senhor. A mesma denominação lhes é igualmente applicavel no tempo presente. É verdade que os seus chefes montanhezes geralmente reconhecem a authoridade de um soberano; mas esta supremacia nunca se estende ao direito d'intervenção no governo interno do paiz. Como formam uma fronteira de separação entre a Persia e a Turquia, o seu preito e homenagem politica, é repartido entre os governantes dos dois imperios. Os districtos meridionaes e occidentaes prestam fidelidade ao governo turco, e os que ficam mais ao norte e ao oriente se declaram debaixo da protecção do monarcha da Persia: mas como o Sultão tem menos proporção do que o Persa para cobrar os tributos, e exigir o serviço militar, cabe-lhe por este motivo a mais copiosa porção daquella infertil homenagem.

Os Curdos nunca viveram debaixo da obediencia de um só chefe; mas o principal de cada tribu exercita as funcções da soberania dentro do seu proprio territorio: o mais poderoso destes feudatarios é o *Wali* ou principe de Ardelan, provincia grande do Kurdistan persa. « O meu paiz (dizia elle a Sir John Malcolm em 1810) tem quasi duzentas milhas de com-

prido, e quasi outro tanto de largo. Nós devemos e pagamos feudo aos reis da Persia, mas estamos isemptos da severidade de governo, que frequentes vezes arruina os nossos vizinhos que possuem fertéis campos, e opulentas cidades. Ardelan é fraca tentação para os invasores. Em nada abunda (acrescentou sorrindo-se), afóra em homens valentes, e em cavallo robustos.»

Os habitos dos Curdos são como os das outras tribus pastoris d'outros logares da Asia. As montanhas lhes fornecem sustento para os rebanhos, em que toda a sua riqueza consiste, e asylo seguro para si e suas familias. Descem ás planicies no começo da primavera para cultivar a terra, e no verão para ceifar as searas. São diversos os productos do terreno, e os valles fertilissimos, e além de muitas castas de grão, dão copiosas colheitas de linho, algodão, tabaco, e manná, que alli suppre o assucar.

Os Curdos, habitantes de um paiz montanhoso, e vivendo alternativamente em tendas, ou barracas, e em casas, differem dos Arabes Beduinos naquelles pontos de distincção, que pelo commum se dão entre os habitadores de serras e os domiciliarios das planicies; mas por certo os igualam, se os não excedem, na inclinação á rapina de toda a fórma. Não são menos destros do que ousados no roubo. Pessoalmente é raça mais nobre de homens do que os Arabes; e porque tem muito mais coragem é muito mais difficil intimidá-los para não atacarem os viajantes, e as caravanas. Tendo algumas qualidades respeitaveis como nação, todavia suas paixões são vehementes e ferozes; e como tem menos occasiões de roubar do que os Arabes, andam mais anciosos de aproveitar as que lhes occorrem. O povo que habita entre o Tigre e o Euphrates, que tem sobejas razões para conhecer toda esta gente, tem um proverbio, que mostra bem a sua opinião ácerca do povo de que tractamos: usam dizer que « os Yezideus são peiores que o diabo, os Arabes peiores que os Yezideus, e os Curdos ainda peiores que os Arabes.» Elogio de tres povos em bem poucas palavras!

Todavia não assassinam a quem não resiste, e são como os Arabes, diligentes observadores dos deveres da hospitalidade. Nenhum molestará o estrangeiro com quem tiver comido, nem consentirá, que em sua pessoa, ou em coisa que lhe pertença, soffra damno algum das suas portas para dentro.

Ouçamos ácerca delles um viajante moderno. — « Em suas choupanas repousámos, e dormimos sobre o mesmo tapete a par de cinco ou seis Curdos, homens da mais fera catadura, que temos visto, e ao mesmo tempo a nossa bagagem estava toda dentro da mesma casa, e nosso peito completamente á mercê dos punhaes, que cada um delles trazia á cinta: com tudo isso acordamos com perfeita segurança, e nos deixaram partir em paz. Foi isto no Kurdistan proprio, porque a Armenia é tambem habitada em grande parte pela mesma nação. — Quando nos preparavamos para deixar a capital da Persia com tenção de atravessar pela Armenia para o Mar-Negro, desfalleciam nossas esperanças de concluir a salvo a viagem, pelo que tinhamos ouvido dizer de um poderoso salteador Curdo, que infestava o caminho, junto á estreita garganta das montanhas de Dahar, a quatro jornadas de Erzerum. Fomos informados de que, visto o ponto que occupava, havia pouca probabilidade de escapar sem elle dar fé de nós; e de que até a embaixada britannica na côrte da Persia se via obrigada a dar-lhe uma especie de presente annual, para que os seus fardos vindos d'Inglaterra não fossem saqueados. Esta noticia nos poz em grande sobresalto quando chegamos a Dahar, ao atravessar as 600 milhas, que ha entre esta e Teheran. Finalmente, o guia, que ti-

nhamos assalariado na jornada antecedente para nos conduzir por entre gelos não trilhados, e que com uns çapatos proprios para a neve, e as pernas bem ligadas, tinha galgado sem mostra de cansaço vinte e cinco milhas, nos trouxe ao cimo de um monte, donde descobriamos muito em baixo um estreito e profundo valle. O guia dirigiu a nossa attenção para um aggregado de pontos negros que se viam sobre a neve, e nos informou que alli era a aldêa de Dahar, habitada pelo capitão de ladrões e sua gente. Era nosso desejo e intenção seguir pelo meio do valle até a povoação immediata; mas o guia declarou que não podia ir para diante, e o mesmo fizeram os almocreves por causa do gado cansado: então reflectimos que seria impossivel descer o monte, e atravessar a aldêa sem nos verem, e por tanto resolvemos que era mais seguro mostrar confiança, invocando a hospitalidade daquelle chefe, do que indicar nossas suspeitas, intentando passar ávante.

O nosso guia galgou pela serra abaixo adiante de nós para noticiar a nossa chegada ao chefe; e quando chegámos ao valle já elle vinha de volta, e nos conduziu á que bem podemos nomear caverna daquelle leão Curdo. Logo á entrada estavam alguns homens muito mais bem vestidos do que andam communmente os habitantes de tão pequenos logarejos. Assim que chegámos, um homem muito robusto e assignado das bexigas, veio a nós, e ajudou-nos a desmontar. Tinha um jaleco escarlata, e seu turbante de seda; as suas maneiras em geral eram conciliadoras, posto que os sobrolhos um tanto carregados neutralissem a affabilidade e bom humor que exprimiam as demais feições. Era o chefe em pessoa. Fomos introduzidos n'um aposento, separado da estrebaria por uma parede de tres pés d'altura; era comprido e estreito, e no comprimento repartido em tres porções iguaes; a do meio era uma passagem descoberta da entrada para o logar do fogão e entre este, e as paredes dos lados, o chão estava coberto de esteiras, pelles, e tapetes, por onde se encostavam alguns homens de meia idade fumando nos seus cachimbos. Houve entre elles um leve rumor quando passámos, e nos deram logar a um lado do fogão: desenrolámos alli os nossos tapetes, e nos sentámos em cima. Era nosso costume ordinario arranjarmo-nos por outra fórma; e se estava muita gente, ou se faziam bulha, no quarto que nos destinavam, pediamos-lhes que se retirassem; porém a nossa actual situação não nos dava essa faculdade. Dentro em dez minutos veio o chefe, e se assentou do outro lado; e subsequentemente entraram os outros homens, que tínhamos visto á porta, até que o aposento quasi se encheu de Curdos, todos de olhar penetrante, com seus punhaes á cinta, fumando nos cachimbos, e observando-nos as acções, com grande attenção. Unicamente o chefe tinha um cachimbo por onde o fumo passava por agua antes de chegar á boca: e quando nós o víamos assim entretido a fumar, e fazendo festa a um galante rapazinho, que era o mais pequeno dos seus filhos, se nos entregassemos ás proprias impressões, diríamos que presentes estavam outros muitos homens com mais cara, e mostras, de ser qualquer delles o famoso salteador, de quem tínhamos ouvido fallar. Entre ascoisas, que observámos, não era a menos divertida o notar a humildade, paciencia, e bom humor do nosso criado persa, Ali, em quanto nos arranjava o jantar, em vez da sua habitual carranca, e maneiras altivas. A cêa dos Curdos se apromptou mais depressa que o nosso jantar: consistia ella n'uma quantidade enorme de trigo cozido com alguns bocados de carneiro, e temperado com manteiga derretida. Erão innumeraveis as mãos a sondar dentro do vasto caldeirão os avulsos

pedaços de carneiro, e a ajuntar em bolinhas accommodadas ao espaço da boca o grão cozido, de fórma que, em breves audiencias, já se começava a ver o fundo.

Quando o manjar appareceu, o chefe nos mostrou desejos de que comêssemos com elles; mas como tínhamos mandado preparar uma galinha, rejeitámos, sem advertirmos na vantagem para nós desta proposta, porque os Curdos, como os Arabes, raras vezes offendem a quem comeu com elles. Elle então disse que esperava para arrancar comnosco, e mandou pôr de parte um prato da sua iguaria para nos servirmos.

Prompto o nosso jantar veio sentar-se comnosco, e rejeitando a faca e o garfo com certo desprezo, foi com toda a liberdade comendo á mão do que mais lhe agradava, de quando em quando dando alguns bocadinhos ao seu pequeno; de maneira que com sua ajuda limpámos completamente a comida, com grande desgosto do nosso criado, que de ordinario comia dos nossos sobejos.

Quando chegou o tempo de nos deitarmos aventurámo-nos a mostrar os nossos desejos de que se retirasse aquella gente: o chefe immediatamente proferiu algumas palavras, com que se foram, ficando elle só e um velho de barbas brancas. Estiveram até depois da meia noite, que veio o café, e o chefe me offereceu, por estar ainda acordado, uma taça d'elle; e logo depois saíram ambos. Julgámos que se deixára ficar para que os seus não desencaminhassem algum objecto nosso. Pelas quatro da manhã voltou sósinho, e sentou-se a fumar até perto das oito: então estando fechados os nossos fardos, saiu para dar ordem aos arranjos para a nossa partida. Reflectimos que era justo e prudente presentear-lo com um ducado hollandez em ouro pelo agasalho: esta somma, ainda que não era equivalente ao nosso susto, dobrava a quantia que em outras partes costumavamos pagar. Por tanto lhe enviamos Ali com aquella moeda: porém voltou dentro em pouco restituindo-a, e asseverando que o Curdo lh'a não quizera receber. Quando estávamos para montar a cavallo lh'a offerecemos de nossa propria mão, e a recebeu sem hesitar, e agradecendo; porque ficaria mal ao seu brio tê-la accettato da mão de um Persa, e demais a mais criado de servir. Acompanhou-nos a pé até a saída da povoação, e alli mostrando-nos o caminho, que devíamos seguir, fez a sua cortezia, desejando-nos boa jornada, e retirou-se.

Em quanto estávamos em casa do chefe nos julgávamos em perfeita segurança, á excepção de algumas pequenas gatunices que os seus nos podessem fazer sem a sua connivencia: mas assim que saímos não deixámos de recear que, ou com seu consentimento, ou sem elle, fôssemos seguidos, e roubados, por alguns daquelles com que estivemos. Nada disto aconteceu, mas não largámos o medo, em quanto nos não vimos a quarenta milhas de Dahar.

Não obstante a vigilancia do chefe quando eramos seus hospedes, sempre alguns nos quizeram dar motivos para nos confirmarmos em nossas suspeitas: por exemplo; um de nós, ao acordar pela manhã, achou falta do lenço, e depois de uma busca mui cuidadosa, viu-o, com grande admiração sua, á roda da cabeça do homem, que tractava dos cavallos. A impudencia em assim mostrar o effeito roubado pareceu tão rara, que a não ser a singularidade do padrão do lenço, pôr-se-ia em duvida a sua identidade. Contando-se o caso ao chefe, e fallando este com o homem, o ladrão descaradamente affirmou que o dono lh'o tinha dado; mas como isto lhe foi negado, e o chefe o mandou restituir, arrancou o lenço da cabeça, e atirou com elle como modos de agastado, e de insolente.

Aconteceu outra anecdota com o mesmo lenço,

que posto não tenha relação com o nosso assumpto, é digna com tudo de referir-se. Tres dias depois de saírmos de Dahar, pousámos em casa de um Turco em Aloor, e no dia seguinte chegámos a Erzerum. Nós a chegar, e quasi ao mesmo tempo um homem com o lenço, que tinha esquecido em Aloor, e que o Turco nos mandava entregar em Erzerum, distancia

nada menos de vinte milhas. O homem, apenas lhe disseram os criados, que estava entregue a quem pertencia, se foi logo embora, sem pedir, nem esperar recompensa do seu trabalho.”

Affirmão alguns escriptores que o paiz hoje habitado pelos Curdos é o solo da antiga Assyria, propriamente dita.



PRIGUIÇA.

A PRIGUIÇA.

(*Bradypus*. LIN.)

AS PRIGUIÇAS formam no systema do barão Cuvier a segunda serie da ordem dos mammaes *desdentados*; não porque ellas não tenham dentes, mas porque lhes faltam absolutamente os incisivos. Estes animaes tambem se denominam *tardigrados* pela morosidade do seu passo. Ha duas especies, ambas indigenas da America Meridional: a priguiça maior (*bradypus didactylus* Cuv.), com duas unhas nas mãos, e tres nos pés, sem nenhuma cauda, e pelo tamanho do carneiro commum; e a priguiça menor (*bradypus tridactylus*), muito mais pequena que a precedente, e com tres unhas nos pés e nas mãos. A primeira é a representada em nossa gravura. Waterton, em suas *Excursões pela America do Sul*, a descreveu excellentemente, e corrigiu muitos erros, que ainda ha poucos annos vogavam, tocante á sua historia natural. Extrahiremos o que passamos a dizer da elegante e acreditada relação deste viajante.

« Os que teem escripto ácerca deste singular animal relataram que estava n'um continuo estado de constrangimento; que era proverbialmente vagaroso, e como um prisioneiro no espaço; que apenas acabava de consumir todas as folhas da arvore a que subira, se enrolava como uma pella, e se deixava cair no chão. Porém nada disto é inteiramente verdadeiro.

Se os naturalistas, que escreveram a historia da priguiça, tivessem corrido os desertos para examinar

sua habitação e economia, não teriam tirado as conclusões precedentes; e aprenderiam que se todos os mais quadrupedes se devem descrever quando estão em pé sobre o chão, a priguiça é uma excepção desta regra, e a sua historia deve ser escripta quando ella anda sobre as arvores.

Esta singular creatura é destinada pela Natureza a nascer, viver, e morrer nas arvores. É um animal raro e solitario; e como é bom alimento, nunca póde escapar. Habita as florestas remotas e sombrias, onde as cobras moram tambem; onde os mosquitos, que mordem cruamente, os escorpiões, os pantanos, e os innumeraveis arbustos e mattos espinhosos, obstruem, e vedam o passo ao homem civilisado.

Como são quasi sempre os Indios, e os Negros, a gente que apanha a priguiça, e a traz aos Europeus, póde-se daqui conjecturar que as narrações erroneas, que até o presente tivemos ácerca deste animal, não foram escriptas com a mais leve intenção de enganar o leitor, ou dar-lhe uma historia exaggerada, mas que esses erros naturalmente nasceram de examinarem a priguiça naquelles logares, para os quaes a não criara a Natureza.

As suas pernas dianteiras, ou para melhor dizer, os seus braços são compridos em demasia, ao passo que as posteriores são muito curtas, e parece que foram retorcidas em fórma de saca-rólhas. Tarato uns como outras, pela sua configuração e pelo modo porque adherem ao corpo, são inteiramente incapazes de obrar em direcção perpendicular, ou de a sustentar em pé no chão, como os corpos dos outros quadrupedes se sus-

tem sobre as pernas: pelo qual motivo se a puzerdes em terra, a barriga lhe tocará no chão. Concedendo porém que se possa ter nas pernas, como os outros animaes, ainda assim se vê embaraçada, porque lhe faltam o que chamamos solas dos pés, e tem as garras muito agudas, compridas, e recurvadas; por maneira que para se ter em pé necessita firmar-se nas extremidades, como um homem que tentasse andar de gatinhas apoiando-se nas pontas dos dedos das mãos e pés; posição na verdade muito penosa. Em uma superficie totalmente lisa a priguica ficaria estacionaria: mas como o chão é em geral escabroso, e desigual, porque tem pequenas excrescencias, como pedras, raizes d'hervas, &c., o animal move para todos os lados as pernas anteriores, para se agarrar a alguma coisa, e quando o tem conseguido se empurra para diante, e assim vai caminhando, mas de um modo tão vagaroso e desconcertado, que dahi lhe veio o nome de priguica. E na verdade o seu olhar e gestos evidentemente mostram sua desagradavel situação; e como então sóta uma especie de gemido, temos razão para concluir que não está muito á sua vontade. Mr. Watterton teve uma priguica muitos mezes, e a tirava varias vezes de casa para a rua, a fim de lhe observar os movimentos. Das portas a dentro, a sua estação favorita era nas costas de uma cadeira; e depois de ter lançado todas as pernas ao topo da cadeira, se deixava ficar pendurada horas inteiras; e muitas vezes dava signal de si com um grito rouco e lastimoso. Este grito lhe fez dar o nome de *Ai*, como lhe chamam os Francezes e Inglezes, por se assemelhar áquella palavra.

A priguica, no estado bravio, passa a vida inteira nas arvores, e não as larga senão á força, ou por algum acaso. A Providencia, que tudo regulou, dispoz o homem para caminhar pela terra, a aguia para voar na extensão do ar, e o macaco, e o esquilo para andarem nas arvores; porém todos estes podem trocar as suas situações relativas sem experimentarem grande inconveniente; mas a priguica é condemnada a consumir toda a vida sobre as arvores, e ainda é mais singular que não seja *sobre os troncos*, como o esquilo, e o macaco, mas *debaixo dos troncos*: porque se move suspensa dos ramos, descança pendurada delles, e dorme da mesma maneira. Para este fim precisava ella uma organização mui differente da dos outros quadrupedes conhecidos: e com effeito toda a sua configuração, na apparencia grosseira e mal concertada, é bem adaptada a seu modo de viver. Não se julgue que este animal passa em seu estado natural uma vida angustiada, e que lega á sua pro genie uma existencia tristonha e miseravel: pelo contrario elle goza da vida a seu modo, como outro qualquer animal; e sua figura extraordinaria e habitos singulares, são outros tantos argumentos para admirarmos a harmonia das maravilhosas obras da Omnipotencia.

O auctor, de que extrahimos isto, conta que tendo apanhado uma priguica, que não podia dar passada no meio de um areal, onde algum acaso a levára, foi-a conduzindo por meio de um bordão, a que ella se agarrou, para a arvore mais proxima; e descreve assim a sua fugida.

Ella fugiu com maravilhosa presteza, e n'um minuto se poz no topo da arvore. Tomou então a sua ordinaria postura, e se agarrou a um ramo da arvore immediata; e assim proseguiu para o interior do bosque. Eu fiquei parado a olhar, pasmado de tão estranho modo de andar, e a fui seguindo com a vista até que as ramagens estreitamente enlaçadas m'a occultaram.

A priguica tem a cabeça curta, e redonda, á semelhança de gato. O cabello tem uma particularidade

diversa do dos outros animaes, que penso tem sido omittida pelos naturalistas: é grosso e aspero nas pontas, e vai gradualmente adelgaçando para a raiz, onde é tão fino como a mais transparente tã d'aranha. A pelle tem uma tal cõr do musgo que cresce nos troncos das arvores, que é bastante difficiloso distingui-la entre estes quando está parada.

É proverbio entre os Indios que quando se levanta o vento a priguica começa a viajar; em tempo sereno permanece tranquilla, não querendo provavelmente agarrar-se ás extremidades frageis dos ramos, receando quebrem com ella ao passar de umas para outras arvores: mas logo que se ergue vento os ramos das arvores proximas se enlaçam, e então a priguica se apega a elles, e prosegue a sua jornada com segurança. Naquellas selvas raras vezes ha um dia inteiro de calma. O vento geral de ordinario cursa pelas dez horas da manhã, e assim a priguica pôde pôr-se em marcha depois d'almoço, e despejar muito caminho antes de jantar. Ella anda com passo soffrivelmente cheio, e se a visseis passar de uma arvore para a outra, como eu vi, nunca vos viria á idéa chamar-lhe a priguica.

Já se vê ser falsa a historia de nunca este animal desamparar uma arvore sem a despojar da ultima folha: porque nas remotas florestas dos tropicos, em que habita, tocando-se as arvores mutuamente, por serem muito bastas e em grandissima copia, era-lhe mais facil, como na realidade succede, remover-se para a arvore adjacente do que vir ao chão para buscar novo pouso. Diz o nesso author: «durante muitos annos, em que eu girei pelos bosques do Novo-Mundo, nunca vi uma arvore naquelle estado de nudez; e posso arriscar uma conjectura, que ao tempo que o animal acabasse com a ultima das folhas velhas, haveria já nova camada nos troncos que desfolhasse primeiro, e prompta para elle começar de novo: tão rapido é o progresso da vegetação nesses paizes.»

A priguica pare, e amamenta os filhos como os quadrupedes ordinarios: tem só um de cada parto; este logo que nasce se agarra ao pescoço da mã até ganhar força e tamanho sufficiente para andar sózinho.

As priguicas são de vida tenacissima. Tem-se visto já algumas bolir com as pernas, e exhibir outros symptomas de vitalidade, meia hora completa depois de lhes arrancarem o coração, e outras visceras. Watterton viu o coração de uma bater ainda meia hora depois de fóra do corpo; e accrescenta que o *veneno wourali* (*) parece ser a unica coisa, que a faz acabar promptamente. Uma setta ensopada nelle mata uma priguica em obra de dez minutos.

Os Indios dão muito apreço á carne destes animaes; e por isso andam de continuo á caça delles.

CAMINHOS DE FERRO.

Os MEIOS de facil transito no interior de qualquer paiz são o elemento indispensavel para a prosperidade do

(*) Usam deste veneno todos os selvagens, que habitam entre o Rio Amazonas, e o Orenoco. Tão certo effeito faz nos animaes grandes como em pequenas aves. Destroe tão brandamente a organização, que a victima não dá mostras de dôr; esvae-se a vida sem convulsões; e a carne e o sangue não contraem qualidade alguma nociva, e podem comer-se com toda a segurança. Os Indios o preparam com o maior mysterio, e ceremonias supersticiosas. — Uma especie de videira dos desertos, chamada *wourali*, uma raiz amarga, e duas castas de plantas bulbosas, que contém um succo verde e pegajoso, e finalmente duas especies de formigas, uma das quaes, pequena e avermelhada, pica como ortigas, e a outra, grande e negra, é tão venenosa que as suas ferroadas causam febre, são os principaes ingredientes deste mixto, a que juntam dentes pisados de varias serpentes, e pimenta forte de Cayenna. — Fervem tudo, e o reduzem a calda.

povo, e para o progresso da industria. As nações que seriamente cuidam no proprio augmento, persuadidas desta verdade, teem de ha muito, prestado a este objecto seria attenção. Hoje a construcção das estradas está reduzida a preceitos, e fórma uma verdadeira sciencia, que se estuda em escholas especiaes na França, na Inglaterra, e na America Inglesa. A esta sciencia se dá o nome de Engenharia Civil.

São graves, e bem graves as queixas que, nesta parte, temos que fazer contra os nossos antepassados, os quaes, se em logar desses centenares de conventos e palacios que por todo o reino alevantaram, em monumento de uma gloria esteril, ou de uma devoção pouco judiciosa, houvessem atravessado o fertil paiz que habitamos de bons caminhos, e bem construidos canaes, dado aos nossos rios facil correnteza, aberto bons e limpos ancoradouros, plantado bosques de boas madeiras, ter-nos-iam deixado um solo mais abundante, e mais solidas e duradouras riquezas.

Só o trabalho e a industria abrem as fontes do verdadeiro progresso: mas para estes dois fundamentos da ventura geral se poderem assentar bem, cumpre animar os homens laboriosos, e industres: para isto o meio mais conveniente é o facilitar-lhes o modo de extrahir os fructos dos seus trabalhos, transportando-os facilmente aos grandes mercados; e para tal resultado se alcançar é absolutamente indispensavel a construcção de estradas e canaes.

Deixaram os Romanos honrada memoria, não tanto pelos seus feitos militares como pelas obras de publica utilidade que levaram a cabo, e das quaes algumas, que ainda existem, attestam a grandeza, e actividade daquelle povo. Muitas estradas subsistem na Europa, construidas por elles, que admiram pela sua solidez, e que merecem a attenção dos homens mais entendidos na materia.

Os methodos, porém, seguidos dos modernos na construcção das vias publicas, se não se avantajam ao dos Romanos pelo lado da duração, são muito mais convenientes pela barateza e rapidez na execução da obra. Taes se podem dizer as estradas chamadas á *Mac-Adam*, de que em um dos seguintes numeros falaremos. Mas nenhuma produziram mais assignalado proveito; do que os caminhos de ferro, que por sua reconhecida utilidade se começam hoje a construir por toda a parte.

Os caminhos de ferro, invenção dos nossos dias, e que tanta honra fazem ao genio inglez, que os inventou, e a applicação da força motriz das machinas de vapor, promettem produzir entre os homens mudanças taes, que só podem ser igualadas pelas que nasceram da invenção da typographia.

Se esta fez com que o pensamento de um homem, pudesse quasi com a rapidez do relampago communi-car-se a milhares de individuos, os carros movidos por vapor sobre caminhos de ferro, porão algum dia os povos em contacto, a bem dizer, immediato, posto que habitem em distancias uns dos outros, que d'antes e ainda hoje se chamam remotas, ficando, deste modo, sendo as estradas de ferro para os objectos physicos, o que a typographia foi para o pensamento.

De futuro, a Europa, cortada em todas as direcções por semelhantes vias de communicação, constituirá um só paiz, e os seus habitantes um unico povo. Assim se accelerará a grande revolução que fermenta no espirito dos homens, e que tende a estabelecer a maxima pareença de costumes, de crença, de commodos, e de interesses; a crear em fim a verdadeira fraternidade entre todas as nações. Não será, pois, exaggeração dizer que a typographia, as machinas de vapor, e os caminhos de ferro crearão realmente a idade de ouro para o género humano.

A idéa de um caminho de ferro é muito simples; nem mais difficil é a sua construcção. Imaginemos em um caminho ordinario, bem nivelado, e com o mais suave declive em toda a sua extensão, duas linhas parallelas de barras de ferro, ligadas pelos topos umas ás outras, bem firmes e seguras no chão, e em tal distancia uma da outra, que um carro, ou uma renque delles, possam correr por todo o seu comprimento. — Façamos esta idéa, e teremos a de um caminho de ferro.

Para que as rodas não saíam das linhas de ferro em que andam, teem estas umas bordas externamente, que as sogigam áquelle caminho. Se o motor é a machina de vapor, teem demais as rodas e as barras, em que giram, dentaduras, que, entrando umas nas outras successivamente, dão ao agente continuos pontos de apoio, o que produz o progressivo e rapido movimento dos mesmos carros.

O pouco attrito, que resulta do duro e póido das superficies, faz com que um só cavallo conduza tres carros, levando o pezo de 16.104 arrateis, por um caminho cuja inclinação seja mui leve. Em terreno horizontal póde esse pezo subir a 18.568 arrateis.

Uma machina de vapor de força correspondente á de quatro cavallos, puxa com a velocidade de passo accelerado, 30 carros carregados, tendo afóra isso cada um certa porção de carvão de pedra necessario para o gasto da machina.

Em Inglaterra o custo de 820 toesas destes caminhos de ferro importa em 500 libras esterlinas, pouco mais ou menos 2:600\$000 réis.

PRECEITOS GERAES DE HYGIENA MEDICA E MORAL.

1.º

— Não desperdiceis nunca, em quanto tendes saude, aquillo que seria o vosso remedio na doença.

— Nunca passeis subitamente de um em outro extremo: nem da intemperança á excessiva sobriedade, nem da ociosidade ao affadigar-vos. Em tudo cumpre que haja um progresso graduado com prudencia. Perigosos são todos os começos. Mais vale respeitar um habito antigo, por máo que seja, do que affronta-lo de golpe.

— Não carece a saude de que estejam sempre a querer melhora-la: ella sabe caminhar bem sem socorro e sem guia: bastante adjutorio lhe dareis em não a estragardes por culpa propria. — Porém para não fiar tudo do acaso, governai-vos segundo as regras da prudencia.

— Os principaes obstaculos, que se oppoem á propagação e vulgarisação dos preceitos da hygienia, são: a ignorancia dos pobres, o descuido dos mancebos, a leveza dos ricos, os habitos já radicados dos velhos, as preoccupações do vulgo, as paixões e sensualidade de todos: só aos abastados cabe praticar á risca os preceitos da hygienia; e ainda assim, precisa a abastança de ser ajudada pela prudencia e sagacidade. — Os excessos são por ventura mais damnosos á opulencia, do que as privações o são á miseria. De mais siso necessita o rico para sopear a sensualidade, do que de industria o pobre para vencer a penuria. Mais coisas exigem de nós os caprichos frivolos, do que as verdadeiras precisões.

— Vivendo como a natureza ensina, raramente seremos pobres; mas indo atraz de opiniões e de antojos, nunca seremos ricos. São os caprichos insaciaveis e mudaveis; mas a natureza nem é prodiga, nem ambiciosa: com o real e necessario se contenta: mediocres são as suas urgencias, ao passo que as dos anto-

jos são infinitas, como a imaginação que lhes dá vulto. Tem limites o real; não os tem o imaginario.

— Por falta do preciso muitas vezes adoce o pobre: o opulento por abusar do superfluo.

— Mais caro custa, frequentemente, aos ricos o arranjar uma doença, do que o cura-la. Mas aquelle que se sustenta do seu trabalho, o adoecer sempre o empobrece.

— Mais perigosos do que uma enfermidade são muitas vezes aquelles remedios inuteis, a que chamam de *precaução*.

— O verdadeiro medico sabe prevenir as doenças, e balda, repetidas vezes, esforços em combate-las. Os conselhos que dá são talvez, mais proveitosos para o que receia o mal, do que para o que o soffre. Mais facil é affastar uma doença, do que pear-lhe o andamento, ou inverter-lhe as phases: não só mais facil é isto; tambem é menos arriscado.

— Sangrias e evacuações intempestivas são menos nocivas ao habitante das cidades ocioso, por fraco e valetudinario que seja, do que ao camponez robustissimo e laborioso. Mais sangue, do que a ociosidade comporta, tem sempre o ocioso.

— Antes a lanceta tire muito sangue, do que o gastem os excessos: daquelle modo sente-o menos a natureza.

— É necessario dar tonicos ás pessoas de temperamentos lymphaticos e excitar estes, moderar os sanguineos; sempre inclinados a toda a casta de excessos; acalmar os nervosos, refrescar os biliosos, distrahir ou consolar os melancolicos: basta que se deem largas aos temperamentos athleticos.

— Enfermidades ha, de que seria arriscado sarar; por exemplo; uma empigem geral e envelhecida n'um corpo fraco e delicado; antigas chagas n'um velho refeito e sedentario, &c.

— O uso frequente de banhos enfraquece muito e produz varias doenças: a falta tambem delles, sendo absoluta, póde gerar molestias de pelle, exasperar as paixões, suscitar doenças nervosas nas pessoas desoccupadas, insomnias, ataques de sangue, e ás vezes uma comichão exasperante por todos os membros, principalmente naquellas pessoas que se dão a trabalhos mentaes.

— A extrema gordura traz consigo perigos, que o exercicio póde remover; mas a gordura é que justamente torna necessario o descanso, que vem augmenta-la cada vez mais.

— Os prazeres vividos encurtam a vida: dôres leves a prolongam.

No goso consiste quasi metade da hygiema das mulheres: priva-las delle em quanto teem saude, é expô-las a enfermidades; e até quando estão doentes prohibir-lh'o é muitas vezes abrir-lhe a cova. — Mas para lhes convir, e para lhes agradar, cumpre que elle se dobre ao genio versatil dellas. — É necessario que varie a seu geito, que se metamorphosee segundo os seus caprichos. Sempre seja goso, porém nunca semelhante: dure sempre, mas sempre seja mudavel.

— Não ha vida mais estragada, do que a dos que dizem que a querem *curta, mas regalada*. Esta vida dissoluta, sempre *curta* com effeito, até parece ás vezes comprida de mais á sociedade e ás familias. Encurta-a o padecimento, companheiro inseparavel das doenças demoradas, e triste herança dos vicios. Ao menos a isto prescrevem limites, ás vezes, as leis.

— Quem usar das suas faculdades sem negligencia, nem excesso, esteja certo de que terá saude: se o fizer póde affrontar-se com as estações, e viver em todos os climas.

— Quem com a propria industria provê amplamente as suas necessidades, deve casar-se. Duas pessoas prudentes gastam menos do que um homem devasso.

— Pais e mãis deviam sempre reger-se bem, quando mais não fosse, por interesse dos seus filhos. As doenças e um tropel de vicios moraes e physicos são coisas que tambem se herdam.

— A pobreza gera a ignorancia, o desaceio, e ás vezes a servidão, arreiga as preoccupações, e multiplica as doenças. Mas o luxo e a ociosidade, que a abundancia traz, dão tambem alguns máus resultados. Certo é que a abastança produz mais instrucção, melhor morigeração, mais policia no tracto, mais virtudes apparentes; mas tambem mais paixões, e enfadamentos. São então as doenças menos activas, e mais raras: porém, em compensação mais complicadas, mais obscuras nas suas causas, mais variaveis no seu curso, recalcitram mais contra os remedios, e resistem mais á sciencia do facultativo.

— Que o mancebo se acostume a passar por tudo, e a tudo soffrer: o bem e o mal, as privações e as fadigas, a chuva e o sol ardente, o frio e o calor: caia até em alguns excessos. O ponto é não tomar habito nenhum fixo: habituar-se a tudo é guardar-se de todos os habitos.

— É o homem inclinado a imitar: — o exemplo tem grandissimo ascendente no seu proceder. Se pois os ricos fizessem acções prudentes, e os prudentes fossem sempre consequentes, não seria o unico fructo do seu procedimento irreprehensivel a tranquillidade da consciencia: tambem trabalhariam, com isto, em melhorar o genero humano.

— A gente do campo é susceptivel de instrucção, mas descuidada de instruir-se, e tarda em aprender: deviam tractar-lhe da intelligencia, como a gente ociosa das cidades tracta dos seus estomagos delicados. O aldeão carece de alimentos intellectuaes já preparados, e que não exijam nenhuma digestão. Preceitos concisos, substanciaes, claros, expressos, e estremes; aphorismos, apologos, e proverbios: eis ali o que lhe convém.

— A civilização transviou insensivelmente o homem da senda que de principio lhe foi prescripta: pouco e pouco o espirito tomou o passo á força corporea. Raro é hoje haver quem tracte de ser mais forte: o essencial é ser mais illustrado e mais habil. Ser sadio é coisa que se tem em menos conta; assim é posposto o necessario ao superfluo.

— Este dominio, cada vez mais despotico, do espirito, ao mesmo tempo que favorece a inacção dos membros, gasta o corpo e altera a saude, de modo que, por via de reacção, a intelligencia vem a enfraquecer e a desorganisar-se por fim.

— Para se tornar conspicuo o espirito precisa ser cultivado por estudos, e agitado por paixões; coisas ambas nocivas ao bom estado do corpo, a esse estado de repouso e justo equilibrio dos orgãos, de que resulta a saude. Só o são juizo é compativel por muito tempo com a energia corporal: elle só, entre todas as faculdades do espirito, nos não perturba, nem nos obriga á ociosidade.

As pessoas cujas assignaturas findam com o N.º 13 deste Jornal são por este annuncio convidadas para que se sirvam de as renovar quanto antes, querendo continuar a assignatura, a fim de não soffrerem interrupção na entrega.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.